

A PRIMEIRA ESCOLA DE TEATRO (1908-2008)

Elza de Andrade

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Escola de teatro Martins Pena, criação, centenário.

O governo brasileiro, um dos acusados pela decadência do teatro nacional, cria em 1908 a primeira escola dramática brasileira, que nasce vinculada ao Teatro Municipal, seu mais novo e luxuoso espaço, inspirado no Opera de Paris, construído na mais importante avenida da cidade, a Avenida Central. É um começo promissor. O Rio de Janeiro finalmente “civiliza-se” e o teatro, centro da vida social, ganhava condições de acompanhar o projeto de modernização da cidade.

No mesmo estilo da reforma urbana que copiava a arquitetura francesa, a Escola Dramática Municipal também vai organizar seu currículo seguindo o modelo europeu de teatro. Neste momento de nossa história, não há como fugir destas influências, nem tampouco negá-las, e até mesmo as adaptações e as leituras dos moldes europeus aos padrões brasileiros foram duramente criticadas.

A condenação do teatro de revista e da comédia de costumes, vistos como forma de expressão menor, levou esses dois gêneros de comicidade popular, que lotavam os teatros do início do século XX, a serem considerados uma das principais causas da decadência da cena nacional. Apesar de sua origem francesa, a revista carioca colocava em cena com muito humor a cidade, com seus personagens e seu momento político atual, parodiado numa língua “brasileira”, falada nas ruas, num tempo acelerado e de mudanças rápidas. Mas, o constrangimento de sermos brasileiros ainda vai nos acompanhar por mais algumas décadas.

Outro réu, duramente acusado, foi o público que, ao preferir a revista e a comédia ligeira se viu também responsabilizado pela decadência do teatro nacional. Percebe-se que, no entanto, duas classes sociais se divertiam de maneiras diferentes.

Em 5 de outubro de 1911 o jornalista Nazareth Menezes escrevia na revista carioca “O Theatro”:

Já se apontou, entre as causas da decadência do nosso teatro, a falta de escolas dramáticas. Isso, em parte, é justamente real. (...) Temos agora a nossa. (...) Confiemos na que aí está e não será desmentida a nossa esperança. Entregue a homens de talento e boa vontade, trabalhadores modestos, tenazes, sem ruídos em torno do seu esforço, a nossa escola dramática está operando calmamente. É uma semente fecunda que germina e muito breve rebentará em flor, produzindo excelentes frutos... Aí então ressurgirá o teatro brasileiro...

Em 13 de janeiro de 1908 é aberta uma concorrência pública para a administração do Teatro Municipal, oferecendo-se uma subvenção anual de cento e vinte contos de réis. Dentre as condições a serem cumpridas estão a criação de uma companhia nacional e de uma escola dramática.

Em 1911, forma-se a primeira turma de alunos da Escola Dramática Municipal, a escola de teatro brasileira. A 15 de abril de 1910, Coelho Neto, o seu primeiro diretor, profere o discurso de

sua inauguração. Dos cento e trinta e oito candidatos inscritos, trinta foram aprovados em novembro de 1913, mas, apenas quatro se tornaram, efetivamente, atores profissionais.

É fácil prever que a escola recém criada vai servir à classe que via no teatro europeu importado a sua melhor representação.

As cadeiras e seus professores

A primeira turma freqüentou cinco cadeiras que foram oferecidas ao longo do curso: Prosódia (Professor João Ribeiro), Arte de Dizer (Professor Alberto Oliveira), História do Teatro e Literatura Dramática (Professor Coelho Neto), Arte de Representar (Professor Cristiano de Souza e Eduardo Victorino) e Fisiologia das Paixões (Professor Fernando Magalhães).

A Escola Dramática Municipal organiza seu primeiro corpo docente quase todo ele de “imortais” da Academia Brasileira de Letras. Com exceção, dos professores da disciplina “Arte de Representar” – que eram diretores de teatro –, todos os outros pertencem à ABL. Possivelmente, esse elenco de professores tenha sido escolhido com o objetivo de dar credibilidade à escola e, de atrair jovens da classe burguesa, que certamente, se sentiriam mais bem orientados por um corpo docente tão ilustre. Mas, também podemos perceber nessa escolha uma tendência à formação de um profissional à altura do grande teatro burguês, sério e erudito, aquele que diz com perfeição as palavras do texto. É evidente que essa proposta de formação contraria o repertório de peças em cartaz na cidade do Rio de Janeiro, naquela ocasião, eixo centralizador das temporadas teatrais do país. Na primeira década do século XX, as temporadas estão lotadas de espetáculos de teatro de revista e comédia de costumes, gêneros considerados “menores” pela “intelligenza” carioca, que, em sua maioria, apenas se satisfazia freqüentando as companhias estrangeiras que nos visitavam.

O professor João Ribeiro (Prosódia) foi dono de uma vastíssima produção intelectual e artística. Nascido em 1860, em Sergipe, se muda para o Rio de Janeiro, em 1881, e durante toda a vida exerceu o jornalismo e o magistério de História e Português. Professor a partir de 1890 do Colégio Pedro II, dedicou-se desde cedo aos estudos filológicos em que se tornou uma autoridade. Em 1898 é eleito para a Academia passando a ocupar a cadeira nº 31.

O professor Alberto de Oliveira exerceu vários cargos públicos ligados ao ensino: Diretor Geral da Instrução, Professor de Português e de Literatura Brasileira. Teve muito prestígio nos meios literários e foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº8, a partir de 1897.

Do programa da sua cadeira “Arte de Dizer” constavam os seguintes tópicos:

1º ano: A voz, o ritmo, a expressão (exercícios de dicção em prosa);

2º ano: Teoria do verso (leitura em voz alta e dicção de poesias, emoção dramática);

3º ano: Estética do verso, o diálogo, a interlocução (exercícios de dicção poética, a poesia dramática).

O professor Coelho Neto (História do Teatro e Literatura Dramática) é um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº2 e, eleito em 1926 seu presidente. Foi o diretor e professor da Escola desde a sua fundação até a sua morte em 1934.

A cadeira “A arte de representar” foi ministrada por vários professores em seus primeiros anos mas, sempre profissionais ligados ao teatro. Mas, de todos estes professores, apenas Eduardo Victorino deixa um material escrito e sistematizado sobre suas aulas, que é publicado em 1912 com o título de *Compêndio da Arte de Representar* sendo reeditado e ampliado em 1916, com o nome de *Para Ser Ator*.

Eduardo Victorino nasceu em 1869 em Portugal. Radicou-se no Rio de Janeiro, onde foi por muitos anos empresário, autor e diretor teatral. É considerado um dos pioneiros da remodelação da cena brasileira, inspirando-se em Antoine. O seu livro *Para ser ator*, composto por 115 verbetes, ensina noções básicas de: rudimentos de marcação, como se estuda um papel, subsídios para bem estudar, expressões fisionômicas, a voz, o ouvido, memória, estética, arte de vestir, caracterização e conselhos, axiomas, vocabulário teatral.

E, finalmente, o professor Fernando Magalhães, responsável pela cadeira intitulada “Fisiologia das Paixões”, foi um renomado médico, professor e diretor da Maternidade do Rio de Janeiro, diretor da Faculdade de Medicina e Reitor da Universidade do Brasil. Ocupou, a partir de 1926 a cadeira nº33 da Academia Brasileira de Letras, sendo seu presidente de 1929 a 1932. Atualmente, uma de nossas mais importantes maternidades municipais, localizada no bairro de São Cristóvão, zona norte do Rio de Janeiro, leva o seu nome.

Fernando Magalhães escolheu um de seus alunos - Ulysses Martins - para organizar os pontos de aula para melhor orientação dos estudantes. Este trabalho de Ulysses Martins resultou num livro curiosíssimo intitulado *A Escola no Palco*, publicado em 1914. O livro é mais um precioso documento desta época. Minucioso em suas descrições de emoções e envenenamentos, chega mesmo a diagnosticar um tumor cerebral em Hamlet, o que justificaria o comportamento incoerente e desequilibrado do personagem shakespeariano.

A Escola 100 anos depois...

Nesse ano de 2008 a Escola completa seu centenário de criação, sendo a única instituição de nível médio, gratuita, do Estado. São cem anos de muitas lutas e uma enorme determinação de seus alunos, professores e funcionários para fazê-la continuar existindo.

Em 1935, após a morte de Coelho Neto, assume a direção Oduvaldo Vianna permanecendo até 1939. Neste período chamou-se *Escola Dramática Coelho Neto* numa homenagem a seu fundador.

Além das diversas diretorias, esteve localizada em muitos endereços: inaugurada no Teatro Municipal, pouco tempo depois se mudou para o Instituto de Educação, em seguida para o Teatro João Caetano, depois para a Escola Venezuela, tendo estado também em cima da Biblioteca Municipal.

Em 1948, Renato Vianna assume a direção da escola sendo responsável por sua reestruturação. Renato conseguiu instalar a escola em seu endereço atual, no centro do Rio de Janeiro, num sobrado de valor histórico que pertenceu ao Visconde e ao Barão do Rio Branco.

Em 1953 passou a se chamar “Escola de Teatro Martins Pena”, nome que conserva até hoje.

Em 1960, com a mudança da capital, tornou-se uma escola estadual. Atualmente, pertence à FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro) que vem fazendo um bom trabalho de recuperação das instalações, organização do corpo docente e de um Centro de Memória.

Bibliografia

ANDRADE, Elza de. **Escola Dramática Municipal**: a primeira escola de teatro do Brasil. Dissertação (Mestrado em Teatro). PPGT, UNIRIO, 1996.

MARTINS, ULYSSES. **A escola no palco**. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1914.

VICTORINO, Eduardo. **Para ser ator**. São Paulo: Vieira Pontes e Cia.Ltda., 1916.